

# KYRIAL

5<sup>a</sup>  
edição



# KYRIAL

5  
edição | a

ISSN 1982-1085

ANO V – Número 5 – outubro de  
2012

[revistakyrrial@gmail.com](mailto:revistakyrrial@gmail.com)

## Edição e Redação

Laís Caixeta  
Magali Fernandes  
Nayara Clemente  
Paulo Noboru  
Rafaella Martucci

## Comissão Editorial

Carlos de Aquino Pereira, Cássia dos Santos, Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, Cynthia Belgini Andretta, Eliane Righi de Andrade, Erica Luciene Lima de Paulo, Fabiana Ormaneze, Jamil Cury Sawaya, Leny Pereira Costa, Lilian Rocio Borba, Liney de Mello Gonçalves, Liselotte C. H. Figueiredo, Luciane Moreira de Oliveira, Marcelo Cristiano Mantovani, Maria de Fátima Silva Amarante, Maria Inês Ghilari Lucena, Nair Leme Fobé, Tereza de Moraes, Terezinha Rivera Trifanovas.

## Revisão

Tereza de Moraes

## Capa

Jéssica Justino

## Projeto Gráfico

Bárbara Bigon

## Colaboração Especial

Leandro Reis

## AUTORES

Amanda Rodrigues  
Bárbara Bigon  
Bianca Lopes  
Bruna Oliveira  
Bruno Oliver  
Bruno Jesuíno  
Bruno Raupp  
Caroline Rabelo  
End Fernandes  
Gabriel Cintra  
Ísis de Azevedo  
Jaqueline Torrezin  
Laís Caixeta  
Livia Helena  
Magali Fernandes  
Melissa Helena  
Paula Guerreiro  
Paulo Noboru  
Pereira dos Santos  
Rafaella Martucci  
Simone Pedersen  
Solange Ramos

## ARTISTAS

Akira Takahashi  
Daniel Lucchini  
Jéssica Justino  
Raquel Vitorelo  
Ricardo Santos

Ciclo  
da fênix



# E você, escreve sobre o que ?

Eis a primeira pergunta que me fazem quando digo que sou escritor. Já tentei respondê-la de diversas formas e, com explicações grandes ou curtas, eu sempre me enrolei um pouco, dando voltas e arrumando metáforas e exemplos para alcançar um termo simples: Fantasia.

Um pouco desse *sambarilove* ocorria por eu próprio não entender direito a classificação dos gêneros (Eles ainda me confundem, admito). Pior do que eu não dominar o polêmico emaranhado de títulos que tentam atribuir aos textos, era o ouvinte conhecer ainda menos que eu. Pronto, a confusão estava feita.

Ainda assim, com os leitores eu até que me entendo. Não é preciso mais que dois exemplos para fazê-los entender o que os espera em meus textos. Porém, nos simpósios e rodas de discussão entre leitores a conversa é outra. Literatura Fantástica, Literatura Imaginativa, Ficção Especulativa... Palavras que constituem somente as bases que ostentam dezenas de subdivisões, ramificando-se de um modo que deixa os bibliotecários perdidos. Mas calma, antes de escalarmos essa árvore e fuxicarmos suas ramificações, vamos combinar uma coisa: Seja Fantástica, Imaginativa ou Ficção Especulativa, o significado é o mesmo: Elas são histórias com elementos irrealis. Simples assim. Eu gosto de usar o termo Literatura Fantástica, o qual eu adotarei daqui para frente.

Na Literatura Fantástica, comumente vejo três grandes divisões: Terror, Ficção Científica e Fantasia. Terror é a história feita para causar medo ou assustar o leitor, seja por suspense, violência ou coisas asquerosas. Ficção Científica nos traz especulações sobre o que *poderá ser*, extrapolando tecnologias, embasando cenários futuristas em teorias e explicações científicas. Já a Fantasia, traz histórias com elementos que não existem e nem existirão, tirando-nos da realidade

e eximindo-se de explicações para justificar seus elementos. Comumente, mas não como uma regra, a magia está presente na Fantasia.

Vale dizer que é normal ver estes gêneros se sobrepor em algumas histórias. Pode-se escrever um conto de Fantasia e Horror, como provado por Stephen King, ou Fantasia e Ficção Científica, apresentado a nós por George Lucas. Contudo, na hora de classificar um trabalho, o ideal é considerar o elemento mais constante nele.

Eu escrevo Fantasia. Uso elementos de Terror, mas as minhas histórias se passam em um mundo completamente distinto do nosso, onde deuses interferem nos ciclos, criaturas mitológicas vagam e a magia é presente no cotidiano. Isto não deixa dúvidas sobre o gênero dos meus trabalhos.

Entendido isto, podemos falar sobre a existência de inúmeros subgêneros que se ramificam da Fantasia. Sword & Sorcery, Dark Fantasy, Urban Fantasy ou High Fantasy, são alguns exemplos que a maioria dos funcionários de livrarias sequer conhece a existência. Não os culpo. A seção “Fantasia” é praticamente inexistente em nossas livrarias, tendo sido adicionada por apenas um grande site no ano passado.

De Senhor dos Anéis a Harry Potter, a fantasia ganha espaço a cada dia, provando sua força e mostrando a que veio. Ela ainda aparece disfarçada de *romance*, mas mantém seus títulos entre os dez mais vendidos dos grandes sites de vendas.

A explicação do por que este gênero exerce tanto fascínio em nós parece-me muito simples e a blogueira Juliana Poggi resume isso muito bem: “24 horas de realidade não fazem bem à saúde...”

# Editorial

KYRIAL  
5

“Ler nos leva a outro mundo”. Esta foi exatamente a frase que nos uniu e nos levou a escolher esse tema fantástico da quinta edição. A diversidade do mundo de criaturas mágicas e heróis está presente em cada uma das ilustrações dessa querida edição: temos Harry Potter e suas relíquias, os clássicos dragões, heróis e heroínas das mais variadas formas. Todos são frutos da imaginação livre de nossos colaboradores.

Quando pensamos em literatura fantástica, logo nos vem à mente Tolkien, um dos precursores desse tema, C.S. Lewis, com seu guarda-roupa mágico, Lewis Carroll, com seu país maravilhoso e, mais recentemente, J. K. Rowling, com os três bruxos mais famosos do mundo e Martin, com a sua disputa sangrenta pelo trono.

Esses sucessos de vendas mostram que nossa natureza humana sempre exigiu mais do que a pura realidade. Do contrário, não teríamos sonhos e desejos. Desde as lendas das mitologias ao redor do mundo até as brincadeiras de crianças, a fantasia existe para sanar essa necessidade. Não importa a sua idade; a fantasia não vai abandoná-lo

ou você não vai abandoná-la. Como essa relação se dará é responsabilidade sua, leitor.

Contudo, não é só a literatura fantástica estrangeira que merece destaque. Este é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, mesmo que a história se passe em territórios estrangeiros, como nos livros de Carolina Munhoz; em mundos imaginários como os de Leandro Reis ou, no Brasil, como os de Spohr e Raphael Dracon.

Assim, a literatura fantástica nacional passa por um momento criativo digno de registro: procuramos, através desta edição, mostrar ao leitor o que há de mais atual no mundo literário fantástico brasileiro e fazer uma singela homenagem aos grandes clássicos que sempre povoaram nossa imaginação.

Transportamo-nos para outro mundo durante a preparação desta edição e esperamos que você, leitor, seja transportado também. Por isso, acredite. Você sempre vai querer montar um dragão, ter poderes mágicos, conhecer mundos maravilhosos e, um dia, alcançar o seu tesouro.

Revista de literatura  
publicada pelos alunos  
da Faculdade de Letras  
da PUC-CAMPINAS,  
que hoje se encontra em  
sua edição número 5



Kirial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.  
Tiragem de 500 exemplares.

# Sumário

## Kyrial

### Poemas

|    |                                                                  |
|----|------------------------------------------------------------------|
| 3  | A poet's soul<br>Trizteza da Lua                                 |
| 4  | O Poema Perido                                                   |
| 5  | Sou poesia                                                       |
| 7  | Conto... de fadas                                                |
| 10 | Canto Brasileiro                                                 |
| 9  | Sobre a noite<br>Sozinho                                         |
| 11 | Maia (a ilusão)<br>Na mata cai a chuva<br>meus 20 anos<br>Pontos |
| 12 | “Sem Título”                                                     |
| 11 | Sonoplastia<br>Manifesto sobre um Deus                           |
| 12 | Soneto VI                                                        |

### Contos

|    |                                            |
|----|--------------------------------------------|
| 16 | O que sou ?                                |
| 17 | Make it Bleed                              |
| 19 | No mundo da lua                            |
| 21 | Coleção                                    |
| 23 | A última Noite                             |
| 27 | As histórias de IRKA<br>Do Branco ao Negro |
| 31 | Gola de Tule                               |
| 33 | O Entregador de Sonhos                     |

# A Poet's Soul

Livia Helena

Wandering among dead gardens  
Thinking about the many places he went  
He still carries the burden  
He still feels her scent

Enduring the pharaoh's wrath  
He roamed the Arabian nights  
Searched for his primrose path  
As Tutankhamen's ghost blurred his sight

He was a hunter, craving for his angel  
Innocent-hearted misled by hate  
Desecrated by the blade  
Died surrounded by 1000 pages of erased text

Went to the white lands  
Filled with rejoice  
In the apogee of death he heard God's voice  
"In the meadows of heaven thou shalt rest"  
And so it was... and so it was...

Now he waltzes with the spirits of the air  
There in the azure he knows no despair  
A never-fading amaranth now will be  
A bold sanctuary for him to flee

## Tristeza da Lua

Isis de Azevedo

Tenho costume de olhar a lua à noitinha  
Ela fica no céu a brilhar  
Sua luz clara e vazia, coitadinha  
Faz dela mais triste do que se possa  
imaginar

Chora à noite todo dia  
E de dia se esconde pra chorar

Chora durante todo o mês  
Se degrada pouco a pouco  
E quando chega a lua nova  
Não sobra nada para olhar



# O Poema Perdido

Pereira dos Santos

Sua paixão era Baudelaire, Rimbaud...  
Recitar sonetos, idílios, cálidas poesias,  
Declamar para a sua amante A Lira  
Dos Vinte Anos todos os dias.

Mas não se contentava com pouco  
Sua lírica passional queria mais,  
Até quando encontrou um poema  
Escrito em sangue que lhe tirou a paz.

Eram os mais lindos versos,  
O mais belo poema de amor,  
Amarelado pelo tempo  
Sem título e sem autor.

Página rota da lira de Werther,  
Salmos do evangelho inefável  
Do livro do funesto amor,  
Perenidade desditosa e imaginável.

Oh! Eram os mais lindos versos  
Dedicados a um alvo cisne  
Datado em longínquos séculos,  
Quem era Berenice?

Oh! Eram os mais conspícuos versos  
Que um homem em enlevo sonhou outrora,  
Versos que para sua amante  
Declamou cálido homem de agora:

.....  
.....  
.....  
.....  
Eis o fulgor escarlate das palavras  
Das rimas, dos sons anelantes,  
O sabor de cada verso,  
Das estrofes sufocantes.

Oh! Torrentes de paixão! Anelo descomunal!  
Impávidos corações! Impávido desejo!  
Pactos de sangue e juras de amor  
Selados por um beijo.

Tal como no poema  
Para eternidade viveram,  
Como Romeu e Julieta,  
Por amor, lentamente morreram.

Quem dera do heroísmo de se envenenarem...  
Sofrimento possuidor! Involuntários impulsos!  
Oh! Grandes fendas vermelhas e profundas!  
Cortaram os próprios pulsos!

# Sou Poesia

Bruno Raupp

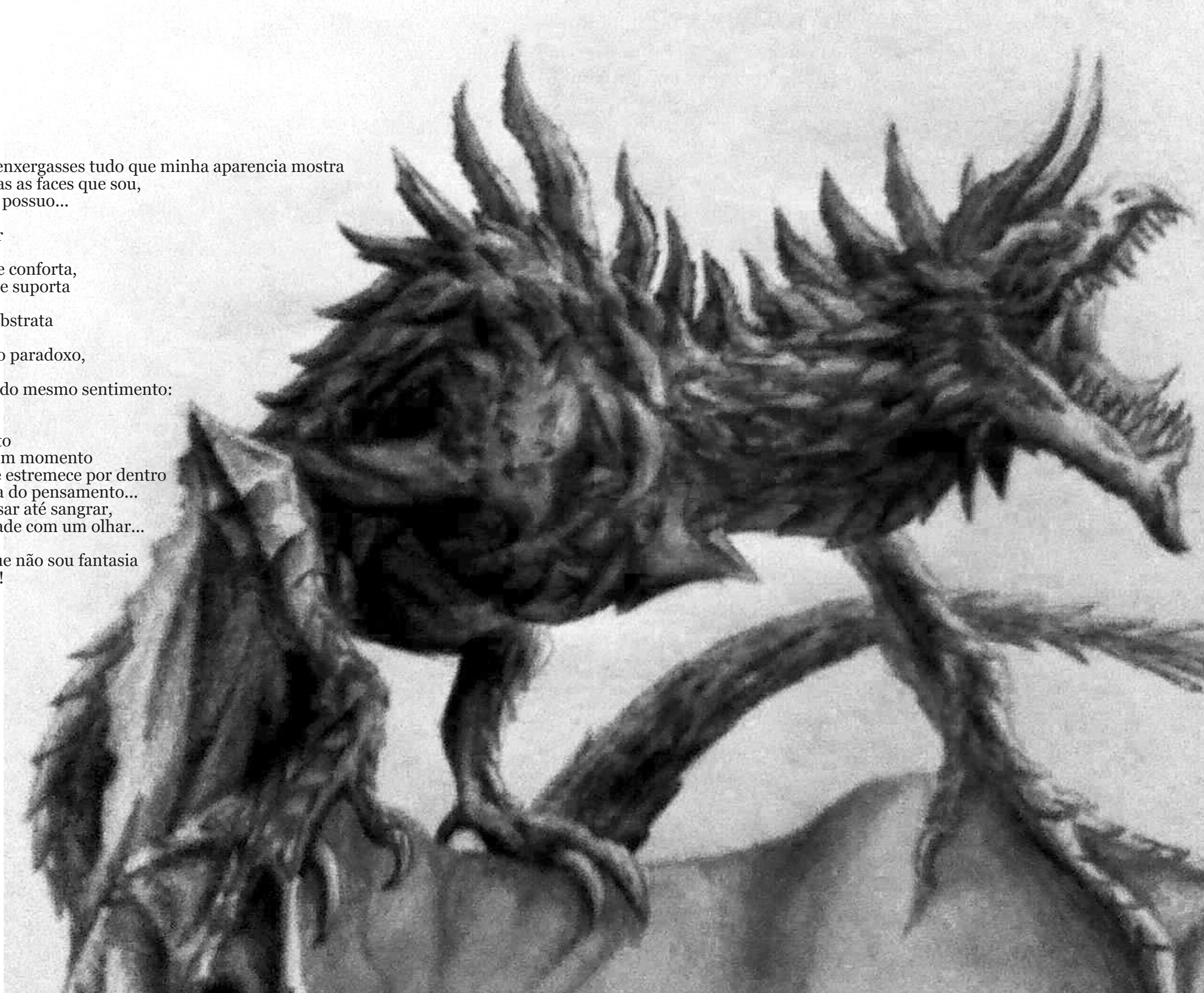
Não olhes pra mim como se enxergasses tudo que minha aparência mostra  
Tu nunca conseguirá ver todas as faces que sou,  
Todas as personalidades que possuo...

Posso ser incisivo como a dor  
Simples como o amor,  
Posso até ser o carinho que te conforta,  
Assim como o ódio que não se suporta

Mas de fato sou uma forma abstrata  
Que te ama e te maltrata  
Acho que na verdade eu sou o paradoxo,  
Talvez o pleonasma,  
Afinal amar e maltratar vem do mesmo sentimento:  
O bem-estar.

Diferente de palavras ao vento  
Não desapareço sequer por um momento  
Como aquele sentimento que estremece por dentro  
Por que sou pecado, a luxúria do pensamento...  
Aquele que faz o coração pulsar até sangrar,  
Aquele que flagela sua sanidade com um olhar...

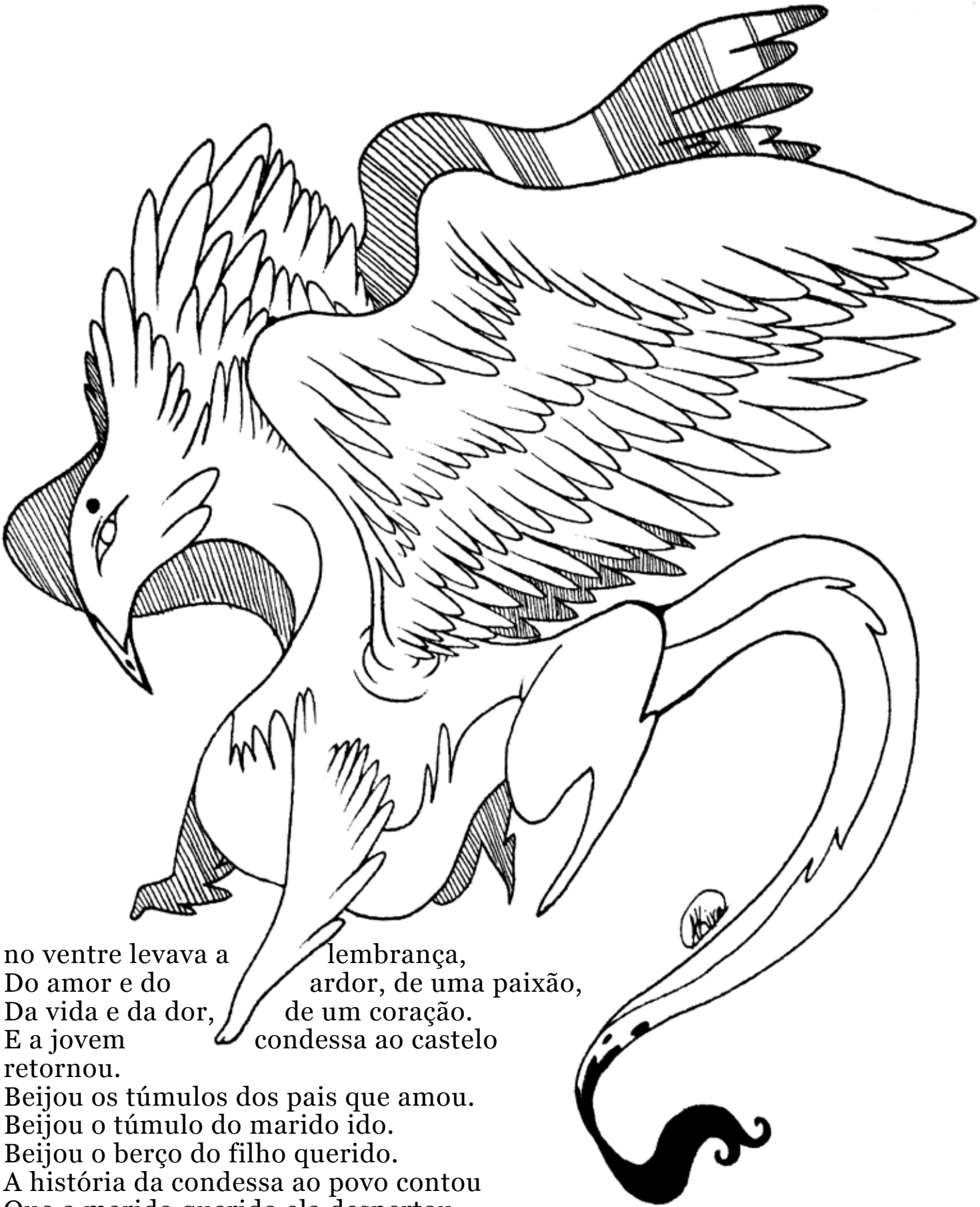
Mas está tudo bem, saibas que não sou fantasia  
Sou pior que isso, sou poesia!



# Conto... de fadas

Bárbara Bigon

Na janela enfeitada, lindamente ela esperava.  
Lá de dentro seu pai, o Conde, chamava.  
Tão linda, tão bela, tinha logo era que se casar,  
Dizia o pai, implorava a mãe, e a menina não.  
Com o cavalo, e o cão de companhia, pelos pastos a trotar,  
Acabou entrando na floresta, para nunca mais voltar.  
Para perder-se do lugar, de propósito foi buscar  
Um vale, um monte, um horizonte,  
Para dar-lhe estrelas, e uma aventura eletrizante.  
Sabia tanta coisa, casar, então, pra quê?  
Reclusa no fundo da floresta ela viveu,  
Cercada de beleza, ela aprendeu.  
Aprendiz de feiticeira ela virou, e uma bruxa má enfeitiçou.  
Entre suas aventuras, um príncipe dormindo encontrou,  
Numa torre de vidro abandonada, por um dragão guardada.  
Mas o dragão era poderoso e ao príncipe ela não prestou socorro.  
Fugiu para longe, indo até a velha feiticeira,  
Num sonho mágico de uma terra encantada.  
Provou bravura, coragem e destreza.  
Os pensamentos sempre queridos, no príncipe deixado.  
E, durante uma tarde, no caminho para a cama,  
Sangrou pela falta de um amor.  
Adormecida ficou, angustiando de dor.  
Três dias e três noites ela chorou.  
Ao despertar, o cão ela chamou e no cavalo ela montou.  
Seguiu bravamente por um caminho descontente.  
Lobos e medos ela passou, até a torre chegou.  
O dragão dormia calmamente, em um céu de estrelas cadentes.  
A épica batalha começou, quando o dragão acordou.  
A filha do conde pelo príncipe brigou.  
E o filho do céu pelo prisioneiro retesou.  
Por um momento o dragão, impressionado, foi descuidado  
E a Condessa, então, furou-lhe o coração.  
O dragão subjugado não morreu, e virou seu criado.  
Com sentimento contente, subiu ao príncipe e o beijou ardente.  
Desperto ele tomou-a nos braços e beijou-a novamente.  
Sorriram juntos, deitaram juntos, ficaram juntos.  
E ao amanhecer cavalgaram.  
Riram e conversaram.  
Conheceram-se e apaixonaram-se.  
E ao fim do dia quando o sol se foi, levou-o junto e acabou-se.  
Restaram as lágrimas e as andanças.  
No coração puro e apaixonado da jovem criança,



no ventre levava a lembrança,  
Do amor e do ardor, de uma paixão,  
Da vida e da dor, de um coração.  
E a jovem condessa ao castelo  
retornou.  
Beijou os túmulos dos pais que amou.  
Beijou o túmulo do marido ido.  
Beijou o berço do filho querido.  
A história da condessa ao povo contou  
Que o marido querido ela despertou.  
Ele partiu e a ela o filho ficou.

# Sobre a Noite

Paula Montanari

“Deito-me na relva molhada  
E o silêncio enche os ouvidos  
Como uma calma canção embalada  
Que mais me faz aguçar os sentidos.

A lua se ergue cheia no céu  
Vaidosa, faz charme com seu véu.  
É a noiva dos boêmios  
Madrinha dos casais efêmeros.

As flores a transpirar  
Aquele orvalho gelado  
Como se acabassem de pecar  
E então tivessem calado.

Tudo à volta jaz em paz  
Numa escuridão, assim, fugaz.  
Que instiga um pensamento condizente  
De querer pecar novamente.”



# Sozinho

Bruno Jesuíno

Um Senhor que morava sozinho na  
Holanda,  
Todo dia se conduzia,  
À mesma floresta,  
Ver os pássaros cantarem.

No submerso barulho da floresta,  
Na cabeceira da árvore  
No som da natureza.

Naquele lugar calmo  
Com insetos e pássaros,  
Mas por que era sozinho?  
Sempre naquela floresta,  
Ninguém nunca se perguntou.

Pelo som da floresta  
Nos rios de águas paridas  
Ao canto dos animais  
Ninguém nunca soube  
Porque vivia sozinho.

# Canto Brasileiro

Bruno Oliver

Pedimos licença pra poder falar  
Da alma do Brasil que não quer mudar  
No meu solo não tem mãe gentil  
Pois minha pátria apenas me pariu

O meu índio só tem no feriado  
E minha floresta é mato cercado  
O concreto aqui é maioria  
No país da grande euforia

Ninguém ouviu o canto das raças  
Ninguém ouviu o cantar da ema  
Queremos saber o que cantam as massas  
Não o que o sabiá canta no poema

Nossos deuses tão sagrados  
Ninguém tem direito de tocar  
Com esses violões tão abaixados  
Nossa santa ainda está no altar

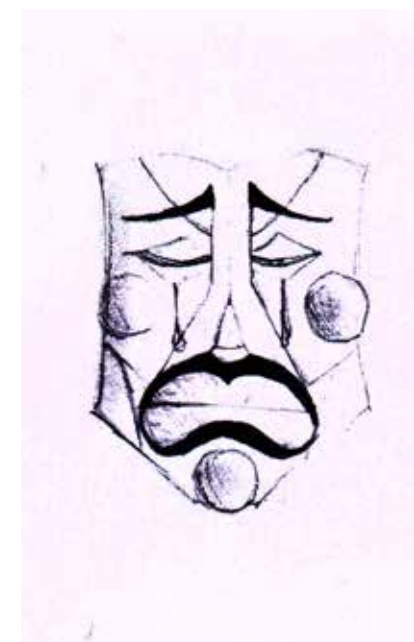
Vou me travestir de verde azul e anil  
E, quem sabe, correr nos campos sem freio  
Mas me esqueci que não dá pra correr a mil  
Neste desumilde chão brasileiro

Mas é esperar o carnaval na avenida  
Pra ver a alegria saindo do peito  
Tão real quanto à ideia fingida  
De que só morrendo tudo é perfeito

Mas eu queria cantar para os arianos  
Nossos defensores tão geniais  
Que, mesmo na arte há tantos anos,  
Insistem em pastar como os animais

Porque, me desculpe o canibal envelhecido,  
Mas o índio preguiçoso aqui já era  
Essa ideia só pode ter sentido  
Se continuar a tropical quimera

Preciso registrar que não tenho raiz  
Tenho pés, sou assanhado por inteiro  
Às vezes com asas, afirmando bem feliz  
Graças a Deus, Deus não é brasileiro



# Maia (a ilusão)

Geraldo Caixeta

Criaste a beleza  
pra que eu visse teus areis  
criaste os teus modos  
e usei teus jeitos  
me deste uma moeda  
e comprei teus caprichos  
criaste a pobreza  
e usei teu conforto  
e mesmo do sabor  
comi teus prazeres  
me deste o interesse  
e destruí meu irmão  
fizeste os rápidos  
em mim criaste a distância e a saudade  
vendeste-me os alcoois  
e embriaguei-me deluso.

Mas de tudo o que fizeste  
distinguiu da morte a vida  
do viver o que é bom  
e do morrer o que acabou  
me deste o medo de ser infeliz  
o desejo de morrer.

# Na mata a chuva cai

Solange Ramos

Na mata a chuva cai...

Quando a chuva  
cai e molha, você na mata me  
namora,  
e me olha...

E a chuva cai e cai  
Você me olha,  
E me atrai,  
Enquanto a chuva cai e molha.

As flores dançam,  
Dançam, dançam...  
Você na mata,  
Você me mata.

# Meus 20 Anos

Jaqueline Torrezin

Quero um dia na beira do mar me sentar  
E aos quarenta e três com saudades  
lembrar  
Da aurora mais bela dos vinte anos  
Idade linda e viva nos humanos.

Quero lembrar das aventuras que tive  
De todos os sorrisos que não contive  
Das amizades que cultivei e honrei  
E dos amores e paixões que encontrei.

Não quero lembrar das obrigações e  
traições  
Nem das fortes ressacas e das decepções  
Mas sim dos carinhos e segredos guardados

E dos sonhos mais simples já realizados.  
Os sorrisos jamais serão esquecidos  
Pois eles dão sabor para os anos vividos.

# Pontos

End Fernandes

Um ponto qualquer  
no espaço.  
Indivisível,  
isolado e micro.  
Algo meio que  
imperceptível.  
Um pingo  
num pedaço de papel,  
um grão de areia no universo,  
eis um ponto.

Um ponto qualquer  
de partida.  
Uma trilha a seguir,  
sem origem sabida.  
Linha sim,  
Linha não,  
o rastro pontilhado  
indica...  
A ponta do durex  
perdida.

# “Sem Título”

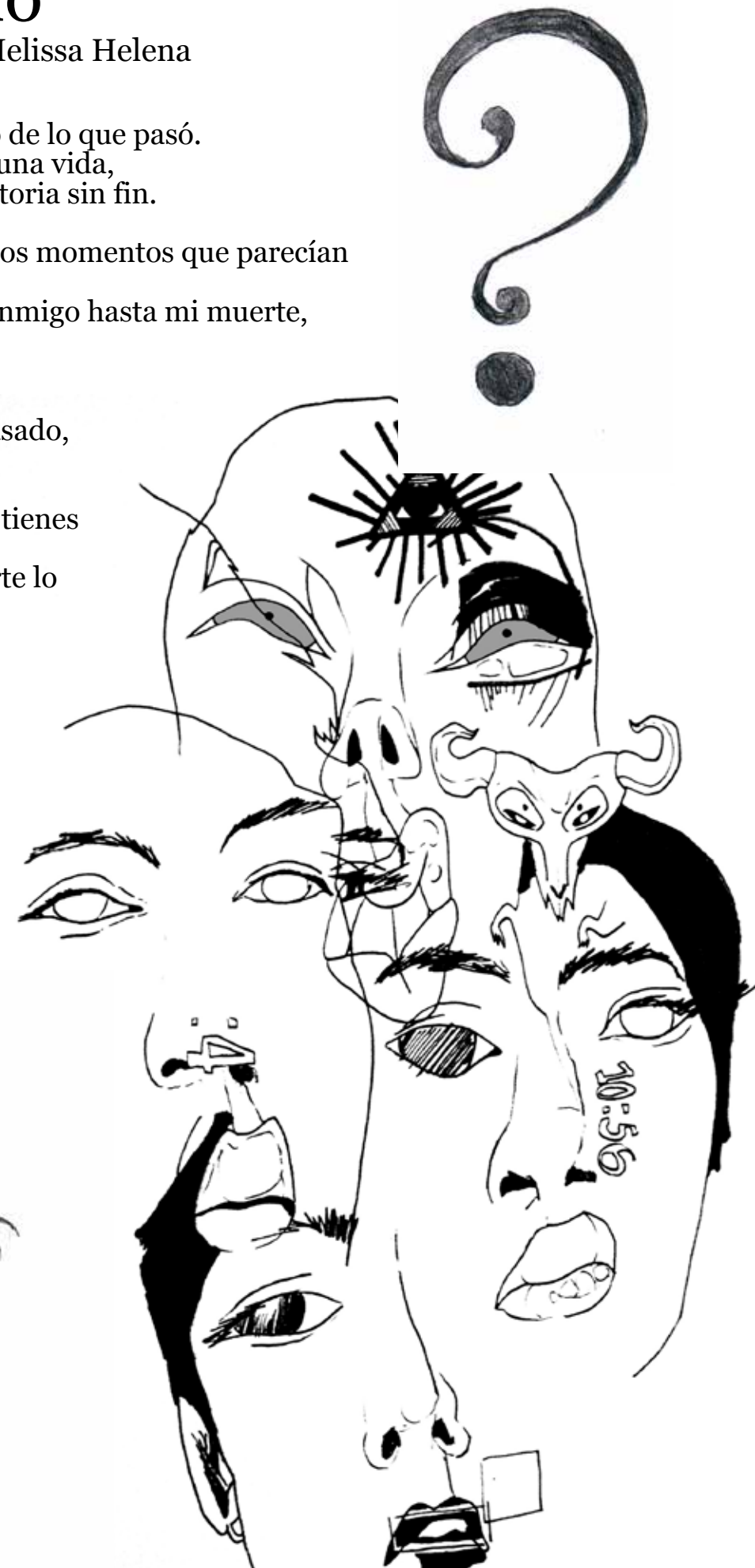
Melissa Helena

Todos los días, me recuerdo de lo que pasó.  
Los recuerdos son parte de una vida,  
Que tristes escriben una historia sin fin.

Miro las cartas, testigos de los momentos que parecían  
eternos.  
Sin embargo, yo las llevo conmigo hasta mi muerte,  
Mismo sin un adiós.

Me diga toda la verdad,  
Yo quiero saber sobre un pasado,  
Que todavía no se fue.

No juzgo las decisiones que tienes  
para tu vida.  
Yo solamente puedo desearte lo  
mejor,  
Y agradecer a Dios por los  
momentos que tuve.



# Sonoplastia

End Fernandes

## Sonoplastia

Para você eu sou todo ouvidos...

Palavrear envolto de sorrisos,  
fala que me encanta por si só.  
Diálogos repletos de bom humor,  
verbos isentos do menor pudor.

Conversas francas de olhos nus,  
e, sem martelos ou julgamentos.  
Um ao outro assim nos mostramos,  
reatamos laços e nos absolvemos.

Depois um murmúrio, um sorriso...

Em mim logo uma música respinga,  
nosso tema,nossa trilha sonora.  
Reggae, Raul, Rita Lee, O Rappa...  
No alternar ritmos tudo aflora.

De Van Halen cover a The Doors...  
também cover... De Zeca Baleiro,  
Teatro Mágico, Mato Seco a Psy  
MPB, Mantras, Hardcore e Frevo.

Antes um sussurro, um gemido...

Da veneziana lambida pela chuva,  
da cama desarrumada ao luar.  
Do lençol sufocado na madrugada,  
do tapete molhado fora do lugar.

Do soar da pele sendo arranhada  
aos segredos confessados em off.  
E, muitos sons que ouço do nada...  
Sinos do amor vibrando seu nome.

E, para você sou todo ouvidos...  
Tato, olfato e demais sentidos.



## Manifesto de um Deus

Geraldo Caixeta

A mãe deitada de lado  
ao lado a filha dorme  
o lábio toca o seio  
e se faz a Materna idade.

A dor, o instinto, o amor  
uma certeza de existência  
quando o manifesto me traz  
a Paterna idade  
no desajeito de um músculo  
e a filha dorme nos braços.

A mãe cabe em meus passos  
a filha dorme em meus braços  
o mundo cabe em meu peito  
só eu não caibo em mim mesmo.

## Soneto VI

Gabriel Cintra

Eu só sei que sei o que não sei se entendi  
eu só sei que entendi o que não sei se duvidei  
em que duvidei, hesitei, e depois, me arrependi  
mas depois de muito tempo, com a vida eu aprendi

o amor que eu sinto, e para o qual eu vivo e vivi  
é para este imenso amor que sei que na vida eu venci  
eu venço e vou vencendo, sabendo que está aqui  
a verdade que a muitos assombra, mas que está dentro de mim

a verdade absoluta, que eu não vejo admitir  
muitos tolos que, na luta, preferem mais fingir  
fingir que não amam, quando o amor

é tudo que querem para si  
pois querer ou não, nem é mesmo a questão  
que na verdade é: quando cederão ao amor que no peito, cala até o coração?



# O que sou?

Bianca Lopes

Será que algum dia poderei definir o que sou realmente? Sou uma multidão em um único corpo, uma só alma que se divide em tudo. Sou a filha, a aluna, a irmã e a amiga. Sou a que canta, sou a que brilha, mas também sou a que machuca, a que erra e a que fere. Sou mão que ajuda, que alimenta, que acaricia, mas também sou pé que caminha, que pisa e que chuta. Sou boa, muito boa. Sou bonita, muito bonita, e, na verdade, sou tão pouca coisa. Sou ainda um pouco do que posso ser e sou pouco exatamente porque não terminei de ser. Amanhã serei maior, serei menor e isso pode jamais acabar.

Podem passar tempos, lugares, pessoas e o que farão senão mudar a essência do que sou agora? E, ainda assim, serei eu mesma? Ou serei outra?

Certamente, serei uma nova mesma, a cada dia mais completa e menos definida. Serei mais os outros e mais eu mesma e, realmente, serei cada coisa que vivi. Serei um dia a de olhos cansados e a de cabelos brancos e ainda assim serei eu mesma. Serei o mal, serei o bem, mas ainda não serei completa, pois, no fim, quando definitivamente eu for tudo, não serei mais nada. (Ou não terei mais nada para ser.)



# Make It Bleed

Rafaella Martucci



Na busca por um esconderijo, enquanto corria, seu olhar recaiu sobre a porta do banheiro feminino. Ainda ouvia o garoto que a agarrara chamar por ela, mas ao olhar para trás, não conseguiu enxergar nada. Continuou correndo. Em meio à luz escura da festa, ninguém percebeu seu desespero.

Entrou. Deu uma breve olhada ao redor, procurando alguma cabine que estivesse vazia e ao encontrá-la moveu-se rapidamente para dentro, fechando a porta. Abaixou a tampa do vaso sanitário, sentou-se e começou a vasculhar dentro da bolsa, procurando por aquilo que buscava. Respirava em

grandes golfadas, ansiando, desejando, necessitando. Sentia seu corpo e mente implorando, mas sua bolsa era grande e por um momento, permitiu-se sentir desesperançosa. Talvez tivesse deixado em casa, esquecido sobre a cama ou dentro do armário do banheiro, mas este pensamento só fez seu desespero aumentar. Ela precisava daquilo, fazia parte de sua rotina mais do que a comida, mais do que o sono, mais do que respirar. Era a órbita do seu mundo, a gravidade que mantinha as coisas no lugar.

Por fim, encontrou o que procurava. Seus dedos roçaram a caixinha de papelão e uma gota de suor escorreu pelo seu rosto, fria como todos que estavam naquele lugar.

A ânsia do pânico já embrulhava seu estômago. Lá fora, a festa continuava, mas era exatamente aquilo que a repugnava. As pessoas deixavam-na nervosa. O cheiro delas, a voz delas, o toque delas, a ignorância delas. O riso dos convidados ecoava dentro de sua cabeça e suas vozes repetiam os mesmos falsos refrões que o ser humano utiliza quando quer algo de alguém. O lugar onde o rapaz que tentara beijá-la havia posto a mão formigava, como se seu sangue corresse de maneira irregular, se recusando a passar por onde ele a tocara. A sensação dos lábios dele aos dela, o modo como a língua áspera daquele desconhecido tentara entrar em sua boca, o corpo dele junto do dela, o jeito que ele se recusara a afastar mesmo quando ela o empurrara, tudo aquilo a impregnava, a deixava suja, a contaminava. Necessitava mais do que tudo se limpar.

Por isso, sentou-se no chão. De dentro da bolsa, tirou a lâmina de barbear que havia pego de dentro da caixa. Segurou-a por um instante nas mãos, degustando a idéia daquilo que estava por fazer. Quando a necessidade

a consumiu por completo, fez. Traçou o caminho do pulso na vertical até onde se permitia cortar. Sentia cada milímetro que a lâmina abria em sua carne. Sentia seu braço esquentando com o líquido que escorria, descendo, abrindo veias, criando nascentes, assim como um rio. As picadas de dor eram calmantes. Eram melhor que drogas. Melhor que sexo.

Sua mão já começava a tremer quando traçou mais uma vez. Sentiu novamente, com um espasmo de prazer quase involuntário, enquanto a lâmina corria pela sua pele como fogo, queimando. Aos poucos, sentia se acalmando. Aos poucos o desespero ia embora. Aos poucos, a letargia a atingia. Na cabine ao seu lado, alguém vomitava, por causa do excesso de bebida, mas isso não fazia diferença. Percebeu, enquanto pousava os braços no colo, que corria o risco de perder a consciência. Logo, uma mancha se formava nas suas roupas. Os braços já tinham perdido a força, mas não podia desmaiar ali. Levantou e, cambaleante, saiu de dentro daquele lugar fétido. O sangue continuava a escorrer e pingar, manchando o chão, deixando pistas, criando rastros, contudo, no auge da festa havia drogas, bebidas e promiscuidade demais para que alguém percebesse o que ela havia acabado de fazer. Por isso, saiu de lá. Caminhou sem rumo, sentindo o ar frio da noite lambar seu rosto e passar pelos seus cabelos até que ela se sentisse reanimada. O que tinha acabado de fazer não havia sido uma tentativa de suicídio. Aquilo era uma válvula de escape, uma fuga, do mesmo modo que todos os vícios são. Amava aquilo até os ossos.

Por fim, chegou a uma praça vazia. Sentou em um banco. Próximo dela, um casal se beijava, mas, para variar, não fazia diferença. Acendeu um cigarro e esperou o Sol nascer.

# No Mundo da Lua

Lais Caixete

Sarah abriu os olhos e percebeu que estava em um lugar que nunca havia visto antes. Ficou imóvel por alguns instantes, decidindo se deveria ficar ali parada até que algo acontecesse. Mas, por fim, resolveu levantar e explorar o local, pois ela não era feia nem assustadora e ela não estava com medo, só curiosa para saber como chegara ali. Começou a andar e logo avistou uma pessoa muito alta, atrás de uma árvore. Sarah gritou bem alto para chamar sua atenção e depois de alguns minutos a pessoa, que na verdade era uma menina não muito mais velha do que ela, pareceu notá-la.

“Ei! Como você faz isso? Como é capaz de flutuar? Não estamos na Lua! Ou estamos? Porque acho que não é assim que a Lua é. Ela é redonda e aqui é plano. Mas, na verdade ela nem sempre é redonda, porque às vezes...”

“Meu Deus! Pare de falar! É claro que não estamos na Lua! Não estamos vestidas de astronautas!”

“Então onde estamos?”

“Estamos onde eu moro, oras.”

“E onde exatamente é isso?”

“É aqui e agora.”

Sarah mordeu a língua para não dar uma resposta mal-educada.

“Tudo bem, então como você chama?”

“Meu nome é Somnium.”

“E como é que você foi parar aí em cima?”

“Você quis dizer como você foi parar aí em baixo, né? Você não me parece muito velha e nem que não tenha sonhos.”

Sarah ficou indignada com a resposta da menina.

“É claro que não sou velha! Tenho

só 7 anos! E é claro que tenho sonhos! Meu sonho é ser uma cantora famosa para ganhar muito dinheiro e tirar essas sardas do meu rosto. Minha mãe diz que são bonitinhas, mas eu...”

“Tudo bem, já entendi, você não gosta delas. Mas por quê está aí em baixo? Dá pra ver que você não é daqui, mas lá de onde você é as pessoas não crescem para baixo?”

“É claro que não! Onde já se viu isso? O certo é crescer pra cima! Por isso se chama C-R-E-S-C-E-R-, senão se chamaria encolher!” Disse Sarah impaciente, como se explicasse que dois mais dois são quatro.

“Bem...” disse a garota pensativa “Aqui as crianças crescem pra baixo até virarem adultas e encostarem no chão.”

“E por que não é o contrário? “Ora, pois adultos geralmente não têm muitos sonhos, têm? Se eles crescerem para cima como vocês, o tombo será bem maior.” Explicou Somnium.

Nesse exato momento algo tocou o braço de Sarah. Ela se virou e viu sua mãe, acordando-a.

“M a m ã e ! ”

gritou Sarah

“Diga que não é verdade!

Você e o papai

tem sonhos

não têm?

Não me diga

que vocês são

desse tamanho

e têm medo de

cair!” E desceu

para o café, deixando a

mãe atordoada para trás.



# Coleção

Bruna Oliveira

Afortunado é aquele que acredita que a vilania humana é um fator adquirido, não cristalizado, fruto das mazelas da sociedade e de suas implicações morais. Porém é possível afirmar que a vilania vem desde o início da existência, a julgar pela forma como o bebê rasga seu caminho de saída, inescrupulosamente, indiscriminadamente e indiferente à agonia causada. Após o banho de sangue, para sobreviver suga parte da vida da mãe pelos seios, rachando os bicos e murchando o corpo da progenitora.

Como se vê, a vilania e a maldade nascem com cada ser humano, enraizadas em sua alma, e se o mundo não é feito unanimemente de criaturas cruéis é apenas por formalidade, criação, conveniência. O ser humano desde sua concepção tem como objetivo — senão necessidade — destruir e produzir sofrimento e caos a seu bel-prazer.

Para Asaph, apesar de bastante diversificada, a singular coleção estava incompleta e tal desfalque deixara-o deveras transtornado, o que fora, possivelmente, o motivo de sua ruína.

A culpa foi da euforia que o invadiu ao ver os feixes dourados de cabelo

ondulando, pois depois de tanto tempo à procura da peça perfeita, aquela visão primorosa foi tão violenta e incontrolável quanto o esporrar de um virgem ao ser tocado pela primeira vez. A excitação foi a responsável pelo descuido com as amarras, e por ter lacerado um pedaço daquela pele branca e imaculada ao violá-la.

A violação costumava ser um ato lúdico, quase inocente. Embebia-as em água de rosas, amarrava-as com fitas de seda vermelha e fotografava-as em seu momento mais vulnerável, rindo de gozo. Com a última fora diferente, tão desesperada fora sua vontade de apropriar-se da última peça. Uma pena. Não gostava de marcar suas musas.

Após o ato, levou-a até aquele que seria seu altar. “Contemple, minha Érato. Eis suas irmãs.”

As oito divindades flutuavam em seu lar aquático, um grande tanque, adornado com detalhes ricamente esculpidos em puro ouro e repleto de formaldeído que dividiam de bom-grado, satisfeitas por terem

sua beleza conservada para o deleite de seu criador e aguardando, observando com seus olhos opacos e desprovidos de emoção, enquanto a pequena Érato



soltava-se de suas amarras e rastejava, choramingando silenciosamente, parte da atenção voltada para as costas do criador que admirava a maravilhosa coleção, parte tentando achar a saída daquela câmara mortuária.

Era ainda doloroso para Asaph, o colecionador, tirar a vida de suas deusas. Contemplava-as, deslumbrado com a beleza inefável e única de cada uma delas, os olhos brilhantes de lágrimas de emoção. Construíra aquilo tudo. Transformara o subsolo em uma ara divina de amor e adoração, agora sim poderia escrever, poderia compor os mais belos sonetos e as mais profundas canções. Tudo com apenas uma picadinha. Insistia em usar uma espada estreita, com que as espetasse sem danificar muito a estrutura, como fazia anteriormente ao enfiar alfinetes em borboletas.

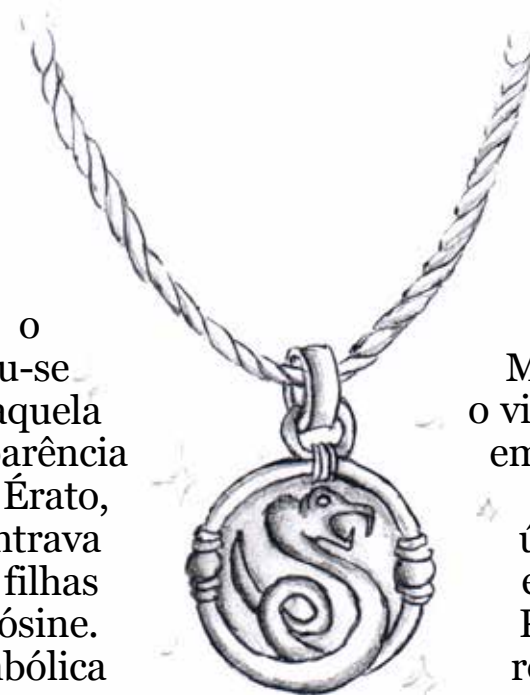
Quando o colecionador virou-se para transformar aquela simples mortal de aparência estonteante em sua Érato, a pequena já se encontrava diante dos bustos das filhas de Júpiter e Mnemósine. Uma representação simbólica de suas deusas de carne e osso. Naquela fração de segundo, antes que o primeiro busto fosse atirado e se espatifasse diante de seus pés, os olhos do criador tornaram-se opacos como os

de suas criações e os olhos dos corpos no tanque cintilaram com um brilho não natural.

A segunda estátua acertou seu pé direito, quebrando parte dos seus dedos. A terceira voou contra seu tórax, triturando duas de suas costelas e perfurando um órgão. Quando a pequena e inicialmente frágil Érato, agora uma criatura enfurecida e vingativa, levantou o busto de Melpômene, aquele que seria seu criador caía de joelhos diante do tanque de suas amadas e erguia as mãos para implorar que fosse sua, que deixasse eternizar sua beleza e que ficasse ali, uma figura de pureza e magnitude, ao lado de suas irmãs.

Em resposta, Érato jogou o busto de sua futura companheira com todo o ímpeto e força que seu delgado corpo era capaz de reunir, um gemido animalesco cavernando na garganta e Melpômene chocou-se contra o vidro do tanque, quebrando-o em milhões de pedaços.

Érato olhou para trás uma última vez antes de correr escadas acima e ganhar a rua. Pensou ter visto o criador rodeado por suas irmãs, sufocando em seus cabelos fétidos, coberto pelos corpos nus e opacos, tentando se desvencilhar enquanto afogava na essência que conservara dantes sua perene beleza.



# A última noite

Magali Fernandes

Luísa desviou o olhar para o quadro de sua falecida avó. Sua avó tinha olhos grandes e castanhos como os de sua mãe, como os seus. Mas os olhos de sua mãe eram fixos, parados, suplicantes e suas mãos tremiam. Os olhos da fotografia pareciam observar o que acontecia na sala. Luísa tinha raiva. Não queria fitar sua mãe, pois diante de Estela ela parecia um animal assustado, frágil, esperando uma ordem ou apenas admirando seu dono. Estela sorria, dominava a sala com seu perfume e sua voz, mas Luísa não prestava atenção à conversa; observava sua mãe, que tentava aparentar disposição. Mas suas mãos tremiam. Luísa tinha palavras presas na garganta. Aquela mulher estava ali para humilhar sua mãe, não para ajudá-la. Devia saber de tudo e se sentia superior. Sua avó descansava no quadro antigo de moldura dourada; Luísa sentiu vontade de entrar naquele quadro, naquele tempo em que tudo estava bem.

Luísa abriu os olhos ardentes e se deu conta de que seu passado havia voltado em forma de sonho. Não foi a primeira vez, mas agora era diferente: agora ela estava realmente ali, na mesma sala de vinte anos atrás. Percebeu também que havia esperado inconscientemente a morte de seu marido para voltar à antiga casa de sua mãe; sem sua companhia obrigatória, sem suas perguntas, ela estava livre. Sentiu-se quase culpada por isso. Secretamente sentiu-se livre também de Clara e Lucas, ambos crescidos e independentes. Era quase como voltar

no tempo. Na verdade, não sabia muito bem porque estava fazendo aquela viagem, mas não podia permanecer em sua casa em São Paulo e fingir que estava tudo bem, recebendo os pêsames como uma boa viúva. Porém afastou esses pensamentos; queria caminhar pela cidade pela primeira vez em vinte anos.

Amanhecia lentamente; as ruas estavam bem mais agitadas e poluídas de todas as formas, mas Luísa via a rua da sua infância. Era doloroso caminhar sob o fardo de suas lembranças; a sensação era quase física. O sol nascia suavemente enquanto ela caminhava por uma calçada suja. De repente, uma moto passou por ela. Luísa não reconheceu o homem, mas quando a mulher loira na garupa voltou a cabeça, reconheceu imediatamente o aceno vigoroso e aquele sorriso alegre e ao mesmo tempo irônico. Era Catarina, filha de Estela. Como a havia reconhecido? Já fazia tanto tempo. Mas a moto já tinha sumido e Luísa sentiu-se aliviada. Achava extraordinário o fato de rever Catarina logo que colocou os pés na rua; tão pouco entendia a razão de seu sorriso, mas logo se lembrou de que Catarina sorria para todos, amigos ou não. Seu sorriso nunca significou apenas felicidade.

Agora caminhar doía mais. Tentou desviar sua atenção tentando reconhecer os prédios: acabou encontrando seu antigo colégio, ainda com o grande muro coberto por ramagens; a velha amoreira não existia mais, porém, por um instante, Luísa

pôde sentir seu cheiro. Avançou mais um pouco em direção à parte mais antiga da cidade. Mas alguém gritou seu nome; voltou o rosto e imediatamente reconheceu a pequena casa pintada de azul claro já meio desbotado, o portãozinho verde-escuro, as plantas no jardim e a senhora branca de cabelos encaracolados e curtos que lhe acenava. Vera. A única que realmente ajudou sua mãe, o quanto pôde. Nunca a usou, nunca se divertiu às custas dela. Luísa correu em direção à casa enquanto Vera abria o portão.

Catarina observava preguiçosamente a sombra de seus pés no facho de luz da lua que entrava pela grande janela aberta em frente à sua cadeira. Passou os dedos pelos cabelos curtos e loiros. A lua está tão clara hoje, pensou. Pena que aqui não tem praia. Seria perfeito caminhar na areia antes de...mas tudo bem, nada é perfeito mesmo. Esquisito. Encontrei a Luísa logo hoje. Se não estivesse atrasada, parava a moto e batia um papo. Mas com certeza ela não gostaria. Menina chata. Ficava se fazendo de vítima o tempo todo com aquela mãezinha alcoólatra dela. A minha mãe não tinha culpa, tentava ajudar, mas ela fazia tudo por um copo de álcool. Até o marido não agüentou e foi embora — outro maluco também. Toda família tem seu podre... Mas até que na minha esse estorvo durou pouco: a mãe da Lu deu um jeito em si

mesma bem rápido. E sem dor. Vamos ver se eu consigo também — e olhou para o copo de uísque em cima da mesa, iluminado pela luz da lua. Gostou da ideia de morrer numa noite tão clara. A campainha interrompeu seus pensamentos. Caminhou lentamente até a porta e abriu-a. Não pôde conter uma sonora gargalhada.

--- Primeiro me diga como você conseguiu meu endereço! --- disse sentando-se novamente.

--- Vera ainda mora no bairro. Conversei com ela --- respondeu Luísa.

--- Ah, aquela velha fofoqueira. Mas tudo bem. Hoje não vou dormir brava com ninguém. E você, por que me prestigia com a sua presença? --- disse Catarina.

Luísa não sabia direito o que responder. Mas não podia deixar de rever Catarina pelo menos mais uma vez. Alguma coisa a prendia àquela mulher e Luísa sabia que não era simplesmente pelo fato de serem primas.

Sabia também que

teria de enfrentar todo o seu sarcasmo.

--- Queria rever você, todo mundo...

--- Todo mundo? Bom, além de mim e daquela velha quem você visitou? Estão todos longe ou mortos, Lu. Meu pai morreu, minha mãe, e a sua, bem, você sabe. Não tem ninguém aqui para assistir você se fazendo de



vítima.

--- Eu nunca me fiz isso! --- gritou Luísa. Você não sabe...

---Tá, tudo bem, vamos esquecer tudo, sem ladainhas pra cima de mim hoje. Olha, esqueci de oferecer uma cadeira, senta aí. Mas não me peça pra acender a luz, hein? Seria um crime fazer isso com uma lua dessas.

--- Você tá bem?

Por que estava aqui, sozinha?

--- indagou Luísa, agora um pouco assustada.

--- Porque sozinha é a melhor maneira para se passar a última noite. Ah, quer beber um pouco ou ainda tá traumatizada por causa da sua mãe? Se quiser pode pegar, menos esse copo aí da mesa, senão vai ter o mesmo fim da sua mãezinha--- disse Catarina com uma aparente lucidez por trás do seu sorriso.

--- Mas por que você vai fazer isso? Você tá maluca, Catarina? Cadê o Eduardo? ---

exclamou Luísa levantando-se bruscamente da mesa. Catarina sorria.

--- Ah, Lu, você continua a mesma. Mas não se preocupe, não vou me suicidar porque sou uma alcoólatra abandonada como sua mãe. Eu simplesmente cansei, só isso. Acho que não vale mais a pena, sabe? Não tenho mais nada nem ninguém

que me prende aqui... E nem me pergunte sobre o meu ex-marido. Ele é como você: sofre, sofre, mas adora continuar vivendo só para ser um exemplo, uma pobre vítima. Eu não.

--- Você enlouqueceu de vez!

--- e, num movimento rápido, Luísa estilhaçou o copo contra a parede e saiu da sala do apartamento de

Catarina. Ouviu sua risada de deboche.

Começou a descer as escadas.

Chega. Não iria mais suportar sua ironia.

Podia se matar, se quisesse. Mas,

num segundo, tudo ficou repentinamente

claro: o modo como sua mãe suportava a presença de Estela, só para ver Catarina...

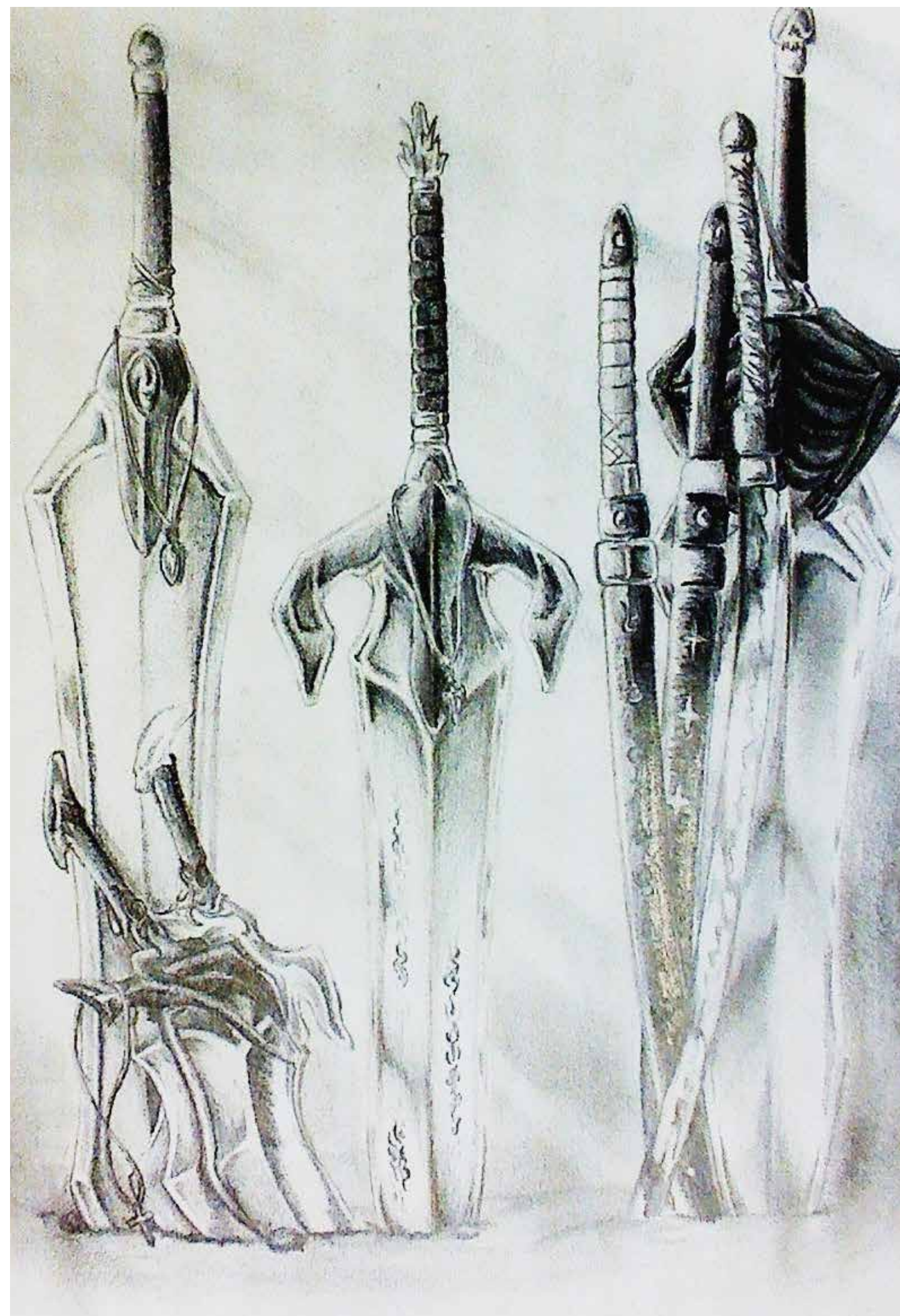
a semelhança entre as duas... a vaga lembrança que ela tinha de sua mãe segurando outra criança... como uma filha.

Sim, Catarina era sua irmã. Luísa não sabia por qual motivo sua mãe a havia entregado à Estela, mas isso agora não importava.

Subia as escadas rapidamente. Tinha

que dar tempo. Na sala, Catarina

observava serenamente a Lua. Começou a caminhar lentamente em direção à janela. Luísa subia o último lance de escada para a porta de Catarina, que sorria como se já não houvesse nem parede, nem janela, nada. Enquanto isso, lá fora, a lua majestosa banhava a cidade.



# As Histórias de IRKA Do Branco ao Negro

Paulo Noburo

- Branca, por favor. Não corra.  
- Hum?

Branca estava sozinha, como sempre estava. Havia muito tempo que ela não encontrava outro sobrevivente. Tinha que chamar a si, e aos outros iguais a ela, de sobreviventes, já que nem todo ser que andava por aquela cidade poderia ser enquadrado nessa parcela. Ah não, eles não podem mesmo.

Sabe, meu caro leitor, há uma linha muito tênue, mais tênue do que imaginamos, entre uma pessoa sã e uma pessoa louca. Ficamos como... Como era mesmo o nome daquele filme? Ah, é! Como um violinista no telhado tentando achar o equilíbrio. Às vezes pendendo para um lado, para o outro. Mas nunca sendo engolidos por completo, nem achando a perfeição.

Você sabe: nós sempre queremos a perfeição. E esse foi o último erro que os ambiciosos habitantes dessa cidade cometeram. Depois disso, oras... Eles foram engolidos! Mas deixe-me apresentá-los decentemente e contar a história de Branca até ela estar sozinha...

Era o quê? Ano de 1955, pessoas cansadas de guerras e mortes! Violência e tristeza! Os defeitos da humanidade. Por isso, mentes brilhantes levaram aos céus o projeto para a salvação dos bons e calmos ricos dos anos 40. Chamaram de IRKA, a cidade no céu, cuja inspiração fica por sua conta descobrir. A subida, feita ou pelos gigantescos elevadores, ou pelos zepelins, levava todas as pessoas com

um coração bondoso o suficiente para pagar a quantia necessária para viver na segurança que 30.000 metros do chão e o que havia de mais hightech da engenharia ofereciam. Além disso, os gênios da época prometiam a solução para os terrores deixados pelas guerras e mortes. Uma substância, droga, magia, chame do que quiser. Eles apenas falaram que ela estaria no ar. Uma quantidade suficiente que deixaria a todos felizes e sem preocupações. Lógico que estavam errados. Ou a substância era defeituosa, ou o defeito estava nas pessoas. A não serem aqueles que após algum tempo descobriram-se “imunes” ao que estava acontecendo, o resto foi mergulhado na loucura.

Branca tinha acordado. Sabia que estava acordada, mesmo com os olhos fechados. Sem saber se ainda era dia ou noite, ela se perguntou: Por que está tudo estranho?

Ela se sentia estranha. As mãos não pareciam mais mãos e uma vontade de rir tomava conta dela. Não podia rir, não é mesmo? Pois estava na cama de seus pais, um de cada lado para protegê-la. Estava com medo, não se lembrava do porquê. E claro que esta era a única razão pela qual ela, uma garota de 13 anos, dormiria na cama de seus pais, já que era praticamente uma mulher.

Ela ainda queria rir. E chorar.

O pressuposto de que porque se ri não se pode estar triste é uma ignorância indigna de permanecer em nossos tempos. Ela se sentia triste. E

por que isso?

Seus olhos se abriram e viram uma noite tornando-se amanhecer. Um amanhecer que entrava no quarto pelas rachaduras na parede, as quais nunca estiveram lá.

- O que aconteceu aqui?

Os olhos perceberam estarem mirando as estrelas, cuja entrada só era permitida, porque o teto do quarto já não estava mais lá também. Os pedaços de metal dentro das novas paredes quebradas da casa contorciam-se para fora, enferrujados e...

Gritando.

- Quem está gritando dessa maneira? Pai? Mãe?

Só então Branca tinha percebido que seus pais já não estavam na cama.

Gritando...

O grito não era desconhecido para Branca. Era o aviso dos Pequenos-Falantes. Uma invenção dos Mentes para manter as pessoas p r o t e g i d a s .

Quando algum perigo aparecia, os Pequenos-Falantes, com suas cabeças equipadas de autofalantes, emitiam esse “grito” e iam atrás para acabar com a ameaça. Seja ela

lá qual fosse o fim dela, não seria agradável nas mãos desses seres.

Após capturar seu alvo, eles emitiam uma frequência que torturava a pessoa até esta desejar tirar suas orelhas e comê-las, na esperança de nunca mais ouvir algo como aquilo. Mas por que eles estariam gritando? O que tinha acontecido?

As paredes, agora amarelas, estavam arranhadas, riscadas... Sujas de um negro pertencente à noite ou à morte.

A porta então se abriu.

Entenda, leitor. Tudo isso aconteceu muito rápido. Está fora dos meus poderes medir o tempo entre a porta se abrir e a reação de Branca que estava por vir. Mas isso acabaria com a surpresa.

Branca apenas virou os olhos para os pais, cujas pernas os introduziam ao quarto.

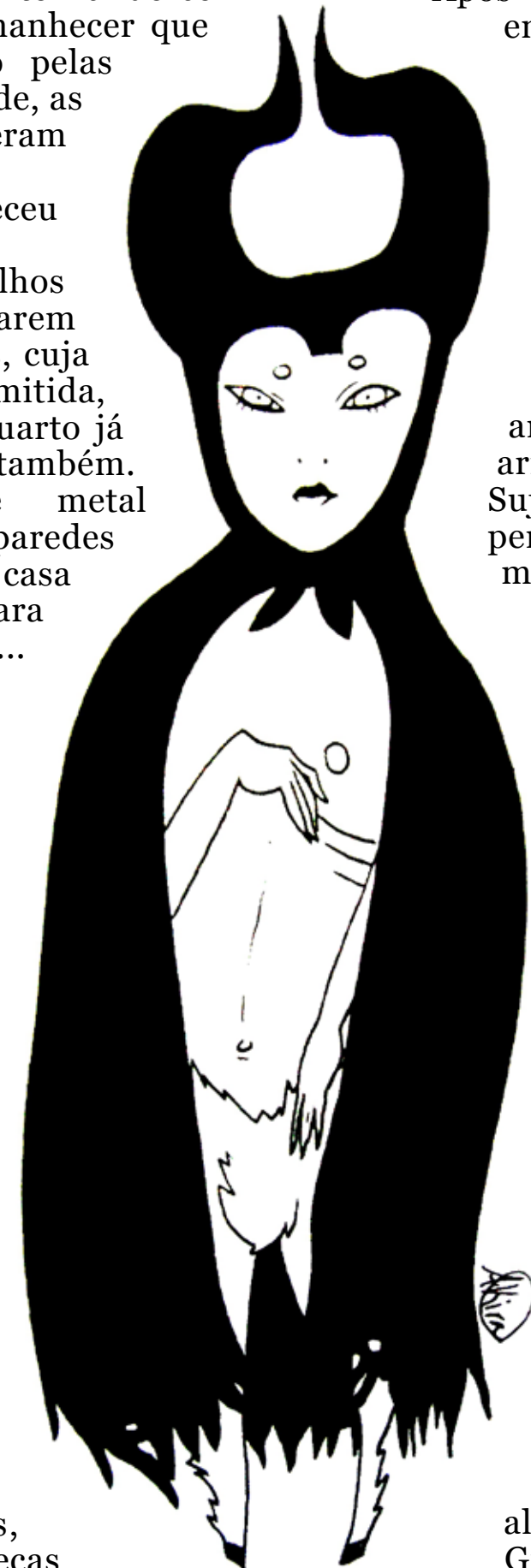
Ela já não os reconhecia. Olhos vidrados, sorrisos grotescos, roupas rasgadas, unhas como garras.

- O que são vocês?

Por que não falam alguma coisa?

Gritando.

Foi isso que fizeram. Gritaram para Branca, como nunca ouviu algo gritar. O



terror percorreu seu corpo e mente. Seus medos foram expostos e suas esperanças acabaram em alguns segundos.

O chão começou a rachar. Barulhos monstruosos vinham de fora da casa e o riso voltou a querer aparecer. No entanto, eles continuaram a gritar.

Até que os buracos, agora negros, que eram suas bocas, se fecharam. Houve um momento de silêncio para os dois seres à frente da menina e uma eternidade de dor dentro de Branca.

Com a diminuição da dor, a garota tomou coragem, abriu os olhos, os quais estavam fechados com força, na esperança de que se selassem e nunca mais precisasse ver tudo aquilo. E viu sua coisa-pai abrir a boca. Ela esperava um grito.

O que veio foi mais

aterrorizador.

- Branca, por favor. - Disse o pai.

- Ele sabe meu nome. É mesmo o meu pai... Ou era... - Pensou a menina.

- Branca, por favor. - Disse a coisa-pai.

- BRANCA, POR FAVOR! - Gritou a coisa.

Ele se calou por um instante. Foi a

vez, então, da mãe se manifestar. Um sorriso, daqueles que os parâmetros da realidade já não estão presentes, apenas o terror do não saber onde está, desenhou-se naquela face há alguns minutos desconhecida.

- Não corra. E pularam, ambos, em cima de Branca.

Minutos, quartos, metade de uma hora. Branca não sabia quanto tempo havia passado. Ela não lembrava

o que aconteceu depois que as coisas haviam pulado em cima dela. Encontrava-se sentada sobre o mar vermelho que se tornou o colchão da cama de seus pais. Sua mãe a sua esquerda e seu pai a sua direita. Ele farpas por todo o corpo e os braços escorrendo sangue, e ela, sua mãe, o rosto sujo da tinta vermelha e alguns buracos onde houve, até algum tempo atrás, belos cabelos louros.

Ela tremia e ria. Acha que era só o que podia fazer naquele momento. Seu corpo se ergueu da cama e foi levado, pelas pernas bambas, até a porta quando ouviu, em meio ao borbulhar de um líquido chamado sangue, sua mãe rindo baixinho e dizendo:

- Não corra!

Depois seu pai:

- Branca, por favor.

E com isso formaram um coro! Um dueto regido por toda aquela loucura

que Branca não estava entendendo. Música a qual foi deixada para trás, e ficando cada vez mais baixa, à medida que Branca corria para longe de sua casa. Por que estava tudo assim? O que havia acontecido com seus pais? Logo viu que o que aconteceu com seus pais e sua casa acontecera com toda a cidade.

- Preciso fugir de IRKA... Preciso sair daqui... Preciso de um Zepelim.

Com passos marcados por sangue, medo e desespero, Branca seguiu para a área de embarque mais próxima, onde se ouvia uma multidão esperando pela próxima salvação.

- Vou sobreviver.

Ela seguiu. Com medo, mas seguiu. Rindo. Rindo muito alto...

Mas seguiu.

Claro que agora, você, leitor curioso, quer saber o que aconteceu. Branca também adoraria... Ou não. Narrarei apenas alguns detalhes.

Casas não se destroem tão facilmente, nem as paredes ficam amarelas e sombrias tão rapidamente quanto a mente humana perde sua sanidade. Como disse: as pessoas estavam se afogando.

Os Pequenos-Falantes foram ativados para alertar a população sobre as pessoas que estavam apresentando um comportamento estranho. Atacando, mordendo, gritando e matando, muitas pessoas destruíam seus lares. Cada uma seguindo uma própria oração: "Case comigo!" "Não me deixe... NÃO ME DEIXE!"

Parecia que seguiam o ritmo de suas orações para suas ações violentas. Com Branca não fora diferente.

Quando pensou ter acordado, já estava rindo. Rindo não por estar alegre. Mas por estar desesperada. Seus pais assustados correram, pediram ajuda, mas as outras pessoas já tinham algum parente com quem

se preocupar. Ao voltarem para o quarto, viram sua filha gritando e esperneando em cima da cama. Com o tronco retorcido ela começou com a sua oração: "Branca, por favor. Não corra. Branca, por favor. Não corra. Branca, por favor. Não corra. Branca...". Seus pais não sabiam o que fazer. Tentaram segurá-la na cama, mas ela os mordeu, arranhou o rosto da mãe e afundou as unhas crescidas nos braços de seu pai. Afastando sua mãe pelo cabelo, Branca levantou-se da cama e quebrou um pedaço de madeira da cadeira de balanço que estava no quarto e com ele afundou seus pais em sua própria loucura.

Pobre Branca.

A cada batida ela levava aqueles que tanto a amavam para o terror que estava sentindo.

O sangue foi espirrando em seu corpo, em seu vestido branco, deixando-o vermelho. Deixando-o negro.

Quando cansara de propagar sua insanidade, deixou o pedaço de madeira e se sentou entre os corpos na cama. Já estava gargalhando e não parecia estar propensa a parar. Por que parar? A realidade é uma grande brincadeira para os loucos. Uma grande diversão quando ela para de exercer suas leis sobre nossas mentes.

Meia hora depois de estar sentada rindo, Branca levantou-se e foi até a porta. Estou para entender o porquê, quando tocou a maçaneta da porta, voltou a gritar:

- Branca, por favor! Não corra!

Saiu de sua casa onde fora Branca.

Corria, louca e gargalhando, negra.

Ela agora encontra-se na solidão que a apresentei no começo. E, volto a dizer, citando o verso de uma música: ela vai pra afundar, afundar, afundar até morrer.



# Gola de Tule

Paula Mathenhauer Guerreiro

Não havia um só dia em que a dimensão daquele prédio não lhe causasse arrepios de espanto, alegria e admiração. Acostumada com as construções baixas de seu bairro, cujo teto quase podia tocar no alto dos seus sete anos, Clara não entendia como uma coisa daquele tamanho podia se sustentar. Mais do que isso, imaginava – tal qual seus malabarismos com dominó – o efeito desastroso que seria causado pela queda de um só arranha-céu. “Será que quem mora lá em cima não tem medo de cair?”, pensava quando, subindo os primeiros degraus da recepção, esticava seu braço para alcançar a mão de sua mãe.

Depois que sua filha mais velha conseguiu um emprego, Dona Dora optou por carregar Clara consigo ao trabalho. O patrão, um simpático professor de português, deixara-lhe à vontade, incentivando-a, inclusive, a permitir que a garota brincasse no salão de jogos do térreo do prédio.

A rotina era sempre a mesma. Dona Dora a levava para escola, ia para casa do professor Mauro, passava a manhã lavando roupa e cozinhando. Em seu horário de almoço, tomava dois ônibus, buscava Clara e voltava, levando-a consigo ao apartamento da Rua Augusta, onde ambas almoçavam na companhia do professor, que não admitia fazer nenhuma refeição sozinho.

Depois do almoço, a filha tirava a mesa, enquanto a mãe, adiantando a louça, perguntava como tinha sido o dia na escola. Terminado esse ritual, Clara estava livre para brincar. Só trocava a

camiseta do uniforme escolar por uma extra que sempre levava na mochila, dava um beijo na mãe e saía em busca de novas amizades.

Naquele dia, impaciente com a demora do elevador para ir buscá-la, resolveu descer pelas escadas. Estando no 16º andar, sabia que muitos lances de escada a esperavam, mas – sobrando-lhe energia – a ideia a divertiu.

Já sem tanto pique, no meio do caminho, substituiu as saltitelas por um andar mais comedido. No sétimo andar, um grito a fez parar – feminino, prolongado, sofrido. Cruelmente familiar. O choro abafado que o seguiu, como se sua memória infantil dirigisse a cena real, encheu-lhe os olhos d’água. “Meu pai está vasculhando os apartamentos à nossa procura”, não lhe restava dúvidas.

Absorta por aquele medo paralisante, que a impedia de correr apesar do horror da cena que se formava em sua cabeça, Clara sentou-se bem no degrau da esquina entre os andares. A gritaria, por mais que lembrasse o ritmo sôfrego e arrastado do pai bêbado, não lhe carregava o tom de voz – o que, no entanto, não lhe trouxe alívio.

Estava sendo visitada pela mesma angústia que a acompanhara até dois anos atrás, quando – escondendo-se entre o sofá e o móvel da TV – rezava diante da surra que a mãe levava. Pesadelo recorrente que só teve fim no dia em que o pai, encaminhando-se àquele vão com a cinta em punho e a intenção de machucá-la, foi acertado por uma garrafa que Dona Dora atirou

às suas costas. Machucado e sem muita força para fazer valerem suas vontades, viu as duas mulheres da sua vida irem embora para nunca mais voltarem.

Cessada a gritaria, irrompeu novamente o choro, embalando murmúrios que ela não conseguia compreender. Na penumbra do corredor, cuja luz – por falta de movimentações – já tinha se apagado, surpreendeu-se por um novo som que escapava da porta número 72. Era uma música muito bonita, que havia começado bem baixinha e que agora, tomando fôlego, era tão forte e semelhante à sensação que sentia quando o pai dormia, que não conteve as lágrimas. Surpreendia-a que os acordes traduzissem tão fielmente o ritmo com que se agitavam suas emoções.

Por mais de dois minutos, violino, piano e voz doce conseguiram dissipar toda a tensão acumulada por Clara – a vantagem de ser criança. Tomada por um instinto perigosamente ingênuo e imponderado, dirigiu-se à porta, cujo ruído, sobreposto pela música clássica, foi quase inaudível. Adentrou o ambiente escuro e, como se lhe tirassem o ar, viu um homem, no fundo da sala, a ninar o corpo inerte de uma mulher.

A cena, ao representar todo seu receio de viver, a fez gritar mais alto do que se julgava capaz. De olhos fechados, agachada com a testa entre os joelhos, preferiu não ver o que lhe aconteceria. A música silenciou e a sala se banhou de luz, enquanto sentia

passos firmes e rápidos à sua direção. Para seu espanto, eram femininas a voz e a mão que se propuseram a acalmá-la. “O que aconteceu, mocinha?”.

Quando levantou a cabeça, encontrou uma mulher linda agachada ao seu lado. Em pé atrás dela, um homem com olhar de preocupado. Os olhos molhados de Clara, como se acompanhassem um jogo de tênis, iam dele para ela, em silêncio, esperando compreender. “Isso é teatro, meu bem, não precisa ter medo”, tranquilizou-a a atriz, oferecendo-lhe colo. Os olhos de Clara, até então opacos de medo, brilharam de emoção.

“Acho que temos uma cena que vai te alegrar”. Dessa vez, era a voz masculina que lhe falava. Encaminhando a pequena ao fundo da sala, colocaram-na sentada em uma poltrona vermelha, pediram-lhe alguns minutos e – quando as expectativas não cabiam mais dentro de si – a sala mergulhou no escuro. Em um foco aceso no centro do palco, a moça bonita transformou-se em flor ao som de uma música que lhe fazia sorrir.

Encantada pelo amor nascido ali, diante de seus olhos, de um palhacinho por aquela flor, Clara não percebeu que os minutos corriam. Ao fim da apresentação, vendo o casal aproximar-se da boca de cena, novamente sentiu seus olhos encherem d’água. “E então, gosta de teatro, minha pequena?”, perguntou a atriz que lhe estendia os braços. Aquela gola de tule, cujo farfalhar fazia-lhe cócegas no nariz, fincava em sua memória uma alegria indizível – a primeira das tantas que a arte lhe traria.



# O Entregador de Sonhos

Simone Pedersen

Hoje é aquele dia que, quando jovens, ganhamos ramalhetes de rosas e caixas de bombons licorosos. Ficar velha tem suas desvantagens. Eu me consolo com lembranças em preto e branco. Naquela época, não tínhamos computador com internet, celulares e poucos tinham fone em casa.

Eu sei, faz tempo isso. Era gostoso. Receber “Feliz Dia dos Namorados” por e-mail deve doer até nos antepassados. Não nos meus tempos. Esperávamos ansiosamente tocar a campainha. Sim, campainha. Não morávamos em arranha-céus com uma fronteira armada a nossa volta. Quando ouvíamos o ding-dong – não tinha outros sons – coríamos para abrir a porta. Na casa de minha mãe, a porta tinha uma janelinha. Olho mágico veio depois, muito depois. Se era o amolador de facas, a decepção era imensa. Os jovens não devem saber o que é amolador de facas, caminhão de pintinhos ou ovelheiro. Explico: naquela época, não havia delivery, tudo era de porta em porta. Até meias, Yakult, sorvetes.

Lembro-me do gato da minha tia, quando o peixeiro buzina há quilômetros, ele já começava a miar e se enroscar em suas pernas: sexta-feira, Dia de Sardinha! Os pintinhos eram trocados por vasilhames vazios, um tipo de reciclagem da Idade das Pedras. Quando, finalmente, o entregador de flores chegava e perguntava: - É aqui que mora a Maria da Silva?

Ah, que felicidade! O coração pulsava, a voz saía tremida: - Sim, sim, sou eu, sou eu! Os olhos brilhavam sem photoshop. Muitos entregadores de flores usavam óculos de sol, para não queimarem as íris com a radiação que recebiam das moças apaixonadas. Casos em que os entregadores voltavam para a floricultura marcados de batom não eram raros: no momento de

tamanha euforia, elas pegavam o ramalhete e os abraçavam e beijavam emocionadas, agradecendo o portador do sonho. Sonho de amor, sonho de uma vida a dois feliz, sonho de um encontro de almas. Sonhos...

E o cartão? Aquele minúsculo cartão branco. Não tinha figuras nem frases inteligentes ou românticas como os de hoje, que os insensíveis apenas assinam. Não, eram brancos e coloridos apenas com a cor de uma caneta Bic azul, desenhado por palavras de amor que eternamente ficariam pintadas na alma da moça. É, o tempo passa. Pessoas mudam. Nossa história muda.

O que não muda nunca é a capacidade de ser humano de amar. Pena que nem todos se atentem a isso. Acho que vou postar essa crônica no Facebook. Quem sabe, alguém a leia e decida-se por roubar uma flor de uma praça e levar pessoalmente para a amada, entregando-a com um beijo morno nos lábios?

